



Ministério dos sonhos renovados

Anielle Franco fala sobre o que quer nos cem primeiros dias de ministério, a continuidade do trabalho de Marielle e a futura posse simbólica na Maré.

PÁGINAS 7 E 8

Verão na laje: uma seleção do fotógrafo AF Rodrigues.

PÁGINAS 10 E 11

Vai na Fé: conheça Anderson Oli, morador do morro do Tibau e ator da novela das 19h.

PÁGINA 14

Favela por favela: história da Baixa do Sapateiro se mescla à do crescimento da cidade do Rio.

PÁGINA 15

Maré Verde

Uma em cada quatro casas mareenses tem plantas em casa.

PÁGINAS 4 E 5



BRUNA PIERROU

MATHEUS AFFONSO



Gato de Bonsucesso canta para Oxum

A escola homenageia as mulheres no carnaval 2023.

PÁGINA 12

EDITORIAL

Alguma coisa aconteceu em nossos corações e a gente chegou a fevereiro brilhando. Uma esperança renovada, um desejo de futuro, um mar de possibilidades. A mesma fé que move mais de 99% dos brasileiros, segundo dados do último censo do IBGE, por aqui foi renovada.

Ela estava lá: sempre houve uma pequena chama acesa. Como diz o professor Luiz Antônio Simas: o contrário da vida não é a morte, é o desencanto. Mas agora, a chama brilha. Foi com essa fé que tomamos conhecimento (e celebramos), dos nomes dos novos 37 ministros de Estado.

E assim confirmamos que não estamos sozinhos, porque a fé está em quem acredita tanto no poder das folhas como no da ciência. A fé está em quem planta erva cidreira, em quem solta pipa na laje, a fé está em quem faz e em quem brinca o carnaval. Está em quem acredita na liberdade de ser um trabalhador informal, como também em quem torce por menos burocracia e por um mercado de trabalho mais digno.

A fé certamente está nas crianças, mesmo naquelas que hoje são adultos, mas seguem fiéis às lembranças de diversas histórias — às vezes, surreais, como como a história do “porco com cara de gente”.

A fé está na preservação da saúde, está na busca pelo bem-estar físico, mental e social.

Está em acreditar no desejo de ser artista e aconselhar os outros a que sigam os seus sonhos também, sempre com fé. Porque ela não costuma falhar.

CHARGE - NANDO MOTTA



ALÔ MORADOR! ESTE ESPAÇO É SEU. ENVIE SUA POESIA, FOTO, RECEITA OU PIADA.

(21) 97271-9410

maredenoticias@gmail.com

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes **da** **maré**

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Jéssica Pires

EDITORA

Ana Paula Lisboa

COORDENADORES DE
DISTRIBUIÇÃO

Jooe Lins e Silva
Lenny Aquino
Lucas Frederico Brandão

DISTRIBUIDORES

Cristiane dos Santos
Daiane Cardoso
Diego Alves
Jonathan Ribeiro
Pedro de Oliveira
Suellen de Cássia
Vagner Moreira
Valdemir Gomes

FOTOGRAFIA

AF Rodrigues
Bruna Pierrou
Edu Kapps
Fatima Meira
Gabi Lino
Matheus Affonso
Ricardo Stuckert
Ueslei Marcelino

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Amanda Célio
Andrezza Paulo
Adriana Pavlova
Edu Carvalho
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Jorge Melo
Lucas Feitoza
Rebekah Tinóco
Samara Oliveira

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Gráfica Tribuna

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA
A FONTE.

**Acompanhe o Maré de Notícias
na internet!**



@maredenoticiasoficial



www.mareonline.com.br



@maredenoticias



(21) 97271-9410



@MareNoticias



maredenoticias@gmail.com

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda pelo email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Academia Carioca na Maré

Equipamentos e atividades físicas pretendem melhorar a saúde dos moradores

HÉLIO EUCLIDES

A prefeitura do Rio de Janeiro inaugurou duas academias de ginástica na Maré. As novas unidades do programa Academia Carioca, instaladas nas clínicas de família Jeremias Moraes da Silva, na Nova Holanda, e Diniz Batista dos Santos, no Parque União, foram inauguradas no último dia 18 de janeiro, com a presença no prefeito Eduardo Paes e do secretário de Saúde, Daniel Soranz.

Saúde é um dos direitos humanos fundamentais e é muito mais que a ausência de doenças. A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica uma pessoa saudável como alguém que está em um estado de bem-estar físico, mental e social. Para chegar a este estado, não basta ter médicos para tratar as doenças, é preciso criar hábitos saudáveis durante a vida e um deles, é a prática de atividades físicas.

A *Academia Carioca* é um programa da Secretaria Municipal de Saúde, coordenado pela Assessoria de Atividade Física, setor técnico da Superintendência da Promoção da Saúde (SPS) na Subsecretaria de Atenção Primária, Vigilância e Promoção da Saúde (SUBPAV)/SMSRJ. O programa é uma nova abordagem para a promoção da saúde e a prevenção de doenças e suas complicações, por meio da facilitação do acesso da população carioca à prática regular de atividade física.

As atividades da *Academia Carioca* são acompanhadas por profissionais de educação física e totalmente gratuitas. Na Maré, o objetivo é que as duas unidades atendam cerca de 250 pessoas por dia. “Antes, a gente precisava se deslocar



Prefeito Eduardo Paes inaugura duas novas academias cariocas na Maré. Objetivo do programa é atender 250 pessoas por dia

para fazer ginástica no Clube de São Cristóvão ou na Ilha do Fundão. Ter esses equipamentos perto de casa é muito melhor, eles são bem-vindos para a nossa saúde”, celebra **Ana Leila**, de 57 anos, moradora do Parque União.

O programa atua desde 2009 em unidades de *Atenção Primária*, como clínicas da família e centros municipais de saúde, com práticas de promoção ao bem-estar físico, mental e social. “É equipamento de saúde que auxilia em diferentes dimensões, como perda de peso, ampliação da capacidade respiratória, exercícios de articulação e o equilíbrio para os idosos”, explica **Daniel Soranz**. Qualquer pessoa acima de 12 anos pode se inscrever para o programa nas duas unidades, mas pessoas com diagnóstico de hipertensão, diabetes, sobrepeso ou obesidade têm prioridade.

“A clínica tem avançado na oferta de atendimento aos moradores. Hoje inauguramos a academia e em novembro está prevista a abertura do consultório de odontologia. Para a academia já temos 96 inscritos e, em breve, faremos a relação final para formação das equipes e cronograma de horários”, diz **Tamires Silva**, gerente da Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva.

Além dos equipamentos, o programa conta com atividades como ginástica, capoeira, dança, grupos de caminhada e recreação. “A academia é um ganho

em prol da saúde”, resume **Tereza Mourão**, gerente da Clínica da Família Diniz Batista dos Santos.

Falta de acessibilidade

A clínica da família Diniz Batista dos Santos foi inaugurada em 2018 e desde então quem a frequenta reclama sempre dos problemas de: acessibilidade. Para fazer uma consulta na unidade, o paciente precisa enfrentar trinta e cinco degraus. “Amei a academia, vai melhorar a qualidade de vida, mas falta acessibilidade. Eu já precisei ajudar mulher com criança pequena e pessoa com deficiência para chegar até aqui”, conta **Márcia Cristina**, de 53 anos, moradora do Parque União.

Outra reclamação recorrente é um esgoto entupido no estacionamento da unidade. “Fica feio uma unidade de saúde com esgoto jorrando assim. E ainda por cima sem dessa forma. Imagina como é chegar à clínica com um cadeirante e, além dos degraus, ainda ter que enfrentar esgoto no estacionamento?”, pergunta Roberto Estácio, presidente da Associação de Moradores do Parque União.

O Maré de Notícias questionou **Felipe Brasileiro**, novo gestor da Gerência Executiva Local, sobre o problema. “Sou morador da Maré e estou no cargo para ser a ponte da população com a Prefeitura. Vamos resolver o problema do esgoto. Sobre a demanda da passarela, realmente não sabia, vamos estudar para tomar as medidas necessárias”, afirma.



Programa atua desde 2009 em unidades de Atenção Primária

O verde da Maré

Cultivo de plantas é uma atividade que mistura cultura e saúde, e uma prática frequente entre mareenses

EDITH MEDEIROS*

Você gosta de ter plantas em casa? Pois saiba que muita gente também. Segundo o Censo Maré de 2019, 26% dos lares mareenses têm pelo menos uma planta. Embora a principal razão do cultivo seja decorativa, 6,2% plantam com fins medicinais.

Entre os moradores que se dedicam a essa prática está dona Dalila da Conceição, 89 anos, moradora do Morro do Timbau. Ela utiliza a popular planta babosa (também conhecida como aloe vera) principalmente para fins estéticos. Dona Dalila cultiva também o aranto, uma suculenta que, segundo um estudo publicado no *International Journal of Biological Macromolecules* [Jornal Internacional de Macromoléculas Biológicas], é eficaz na prevenção de trombose.

Segundo a coordenadora do Programa Farmácias Vivas da Universidade Federal do Ceará (UFC), **Mary Anne Medeiros Bandeira**, em entrevista ao site *Viva Bem* do UOL, "não podemos nos esquecer do efeito anti-inflamatório, analgésico e cicatrizante do aranto. Devido a tais propriedades, a planta é usada para o tratamento de artrite reumatóide, doenças de pele, inflamações e resfriados". É preciso, porém, alertar que as folhas da suculenta não devem ser consumidas por gestantes nem por quem tem pressão baixa ou crises de hipoglicemia.

Efeitos diversos

Fátima de Jesus, de 58 anos e moradora do Salsa e Merengue, costuma usar o capim-limão (também conhecido como erva-cidreira) para fazer chá para combater a insônia. Seu uso dentro da sabedoria popular o indica



Zeza, da Vila dos Pinheiros, apresenta com orgulho seu quintal com diversos tipos de plantas ornamentais

para a falta de sono, usado em banhos terapêuticos para aliviar o estresse, a ansiedade e o cansaço.

Paulo Rodrigues, 71 anos, comerciante e morador da Roquete Pinto, planta diversas espécies: desde babosa, comigo-ninguém-pode e espada-de-são-jorge a alecrim e boldo. Segundo ele, este último é o mais pedido pelos moradores: "Serve para o fígado, curar ressaca e aliviar dor de barriga", ensina.

Tradição e ciência

Em 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou um comunicado apoiando a medicina tradicional (isso é, conhecimentos, crenças e experiências de diferentes culturas) como mais um recurso para manter a saúde e prevenir, diagnosticar ou tratar doenças. Segundo a entidade, a medicina popular é usada por 80% da população mundial.



Fátima e suas plantas que enfeitam o Salsa e Merengue



Dalila, moradora do morro do Timbau, cultiva o aranto. Segundo estudos, a planta é eficaz na prevenção de trombose

Marcelo Neto Galvão, curador adjunto da Coleção Botânica de Plantas Medicinais (CBPM) da Fiocruz, explica que em comunidades que vivem graus de vulnerabilidade socioeconômica e com dificuldades de acesso a serviços básicos, é comum a busca por formas alternativas de manutenção da saúde e de combate a doenças.

Marcelo lembra que, no caso da Maré, existe uma grande riqueza cultural, consequência de uma população formada por diferentes partes do

Brasil. De fato, o Censo Maré 2019 aponta que, entre os mareenses, há uma predominância de pessoas nascidas no Sudeste (73,1%), mas também oriundos do Nordeste (25,8%), do Norte (0,4%), do Sul (0,1%), do Centro-Oeste (0,1%) e estrangeiros (0,2%).

Resistência

“Acredito que, mesmo no melhor dos cenários de acesso à saúde, as benzedeadas ainda teriam seu espaço



Paulo é um dos 26% dos mareenses que cultivam plantas de resistência cultural”, diz o pesquisador. Apesar de seu futuro promissor como alternativa à saúde, Marcelo lembra que ainda existem desafios, e um deles é o pouco diálogo existente entre as ciências médicas e a medicina tradicional.

Segundo ele, “existe uma resistência dos dois lados. Os profissionais do meio acadêmico que não trabalham diretamente com conhecimento tradicional têm dificuldade em valorizar a sua importância. Já os detentores dos saberes populares muitas vezes não entendem a necessidade de sua validação científica. O maior desafio é quebrar essas resistências”.

A CBPM/Fiocruz mantém um banco de dados sobre o conhecimento popular de plantas medicinais usadas no país. As informações são incluídas a partir de trabalhos científicos que investigam o tema: “O conhecimento de benzedeadas como as da Maré não só tem ajudado a construir esse acervo, como é a base que o fundamenta”, diz o pesquisador.

*Reportagem escrita em parceria com a Fiocruz.



O uso do capim-limão (ou erva-cidreira) é comum para fazer chá que combate a insônia, o estresse, a ansiedade e o cansaço

Os novos ministros e ministras do governo Lula

A pluralidade se destaca nas escolhas de homens e mulheres com importantes contribuições dentro de suas áreas para chefiar as 37 pastas

ANDREZZA PAULO, SAMARA OLIVEIRA E ANA PAULA LISBOA

A escolha do ministério do terceiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva como presidente, governo eleito para o mandato 2023-2026, foi acompanhada atentamente pelo país inteiro, nas semanas que anteciparam a posse presidencial. Depois de quatro anos marcados por políticas públicas equivocadas, aparelhamento dos ministérios e trocas constantes de ministros, os titulares das pastas foram submetidos a intenso escrutínio popular e responsáveis pelo suspiro de alívio coletivo, quando seus nomes foram anunciados.

Pela primeira vez, o Executivo conta com 11 mulheres, o maior contingente desde o mandato da ex-presidente Dilma Rousseff (nove ministras); além de ter, à frente das pastas, dez dirigentes autodeclarados negros e mais dois indígenas.

O governo de Jair Bolsonaro teve 23 ministérios, o menor número em 20 anos; o do presidente Lula são 37 — alguns novos, muitos recriados, como o Ministério da Cultura e o do Planejamento. Novos ministérios, porém, não significam necessariamente mais custos.

Eficiência, não custos

Segundo a professora e pesquisadora em administração pública e governo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) **Gabriela Spanghero Lottas**, em entrevista ao site alemão *Deutsch Welle* (DW), a distribuição de cargos é central para conseguir apoio no Congresso e aumentar a base partidária através da cessão de cargos para a construção de alianças.

“Lula fez uma composição ministerial que permite a ele tanto garantir maior gover-

nabilidade quanto priorizar temas e públicos que o elegeram. Isso explica, em parte, o aumento no número de ministérios. Mas isso não gerará automaticamente aumento de gastos; tudo depende da coordenação e da capacidade de ter eficiência”, explica a pesquisadora.

Desmontes e rupturas

De acordo com a mestre em ciências sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) **Isabele Sales**, com a ascensão da extrema direita e a busca do governo pelo chamado Estado mínimo, órgãos, instituições e empresas públicas perderam poder de atuação e orçamento.

“O governo Bolsonaro empreendeu, nos quatro anos de mandato, desmontes e rupturas nas instituições que são necessárias para garantir o estado de direito. Isso teve um preço muito alto. Hoje, são reestruturados por Lula. Isso é pensar na importância desses órgãos e trazê-los ao orçamento novamente para conseguir desenvolver políticas públicas para atender de fato o que a população precisa”, avalia a especialista.

O Maré de Notícias destaca quatro perfis dentro os novos ministros, alguns bastante conhecidos dos mareenses.

Uma médica pró-vacina como ministra da Saúde

Nísia Trindade é doutora em sociologia, mestre em ciência política e graduada em ciências sociais. e foi como presidente da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), de 2017 a 2022, que Nísia ganhou destaque nacional.

Foi da Fiocruz que ela liderou os esforços no enfrenta-



Lula sobe a rampa do Planalto com grupo que representa diversos segmentos da sociedade

mento da covid-19 no país, e isso inclui a criação de um novo Centro Hospitalar no campus de Manguinhos; do manual de biossegurança em escolas; do Observatório Covid-19 para pesquisas e análise de dados epidemiológicos do Biobanco COVID-19 (BC19-FIOCRUZ), que auxilia pesquisadores na busca por respostas rápidas para futuras emergências de saúde pública; e da Rede Fiocruz de Vigilância Genômica, que monitora a evolução do coronavírus.

A nova ministra da Saúde esteve à frente do acordo entre o Ministério da Saúde, a Universidade de Oxford, a farmacêutica AstraZeneca e laboratórios para a produção de doses de vacina. Nísia coordenou a ação inédita de vacinação em massa contra a covid-19 nas 16 favelas que compõem o conjunto de favelas da Maré, em parceria com a secretaria municipal de Saúde e a Redes da Maré. A campanha imunizou cerca de 36 mil moradores com mais de 18 anos com a primeira dose da vacina, em apenas quatro dias.

Uma indígena no Ministério dos Povos Originários

Segundo a Organização das

Nações Unidas (ONU), os chamados povos originários ou indígenas representam 5% da população mundial e são responsáveis pela preservação de 80% da biodiversidade do planeta. A informação é confirmada pelo relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) da entidade: o modo de vida indígena contribui decisivamente para o equilíbrio do clima em todo o planeta.

Porém, esta é uma população que é ainda alvo de preconceito e racismo (durante a pandemia, os indígenas foram os mais afetados, de acordo com estudo do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, perdendo 28,6% de renda e vendo o desemprego crescer em quase 3%) e sub-representada nas esferas de poder.

É de Sônia Guajajara a tarefa de dirigir este que é um ministério inédito no Brasil e garantir aos indígenas acesso à educação, à saúde e à demarcação de suas terras, além de combater o genocídio.

Esta foi, aliás, sua primeira tarefa: o socorro imediato ao grupo de cerca de 700 yano-

mamis atendidos na Casa de Apoio à Saúde Indígena, em Boa Vista (RO), a maioria crianças com desnutrição grave. Muitos mais, espalhados pela reserva yanomami, sofrem de malária, desnutrição e contaminação por mercúrio, por conta do garimpo ilegal.

Sônia é do povo Guajajara/Tentehar, que habita as matas da Terra Indígena Araribóia, no estado do Maranhão. Tem diplomas em letras, enfermagem e educação especial. Em 2022, foi escolhida pela revista americana *Time* como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo, por sua luta pelos direitos dos povos originários e pelo meio ambiente.

Um advogado como ministro dos Direitos Humanos

Até o fim de 2022, em 30 anos de democracia no Brasil, apenas 12 pessoas negras ocuparam cargos de ministros. Sílvio de Almeida é um homem negro, descrito como um dos maiores intelectuais brasileiros. É graduado em direito e

filosofia, mestre em direito político e econômico e doutor em filosofia e teoria geral do direito. Sílvio é ainda autor do livro *Racismo Estrutural* (Pólen; 2019) e presidente do Instituto Luiz Gama.

Em uma de suas primeiras falas como ministro, Sílvio manifestou a intenção de recriar a Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos, responsável por tentar localizar os ainda 144 desaparecidos durante a ditadura militar. A comissão ficou inativa durante os quatro anos do governo anterior, sendo extinta no dia 30 de dezembro de 2022, a dois dias do fim do mandato de Bolsonaro.

Uma artista como ministra da Cultura

Segundo o ranking elaborado pela empresa de mídia U.S. News & World Report, a cultura do Brasil está em sétimo na lista das que mais influenciam o mundo, além de ter um mercado interno do tamanho de um continente.

Por isso, apenas uma secretaria subordinada ao Ministério do Turismo (como na gestão anterior) não é suficiente: com a recriação do Ministério da Cultura, a escolha de quem estaria à frente da pasta recaiu sobre a cantora Margareth Menezes, um dos primeiros nomes anunciados pelo governo Lula.

O currículo da artista baiana calou aqueles que se opuseram à sua nomeação por “falta de experiência”: aos 60 anos, Margareth Menezes é atriz e cantora há mais de três décadas, com quatro indicações ao Grammy, um dos mais importantes prêmios de música do mundo.

Ela é tanto artista como ativista social: em 2004, fundou e assumiu a presidência da ONG Fábrica Social, criada para fomentar a cultura em Salvador através do incentivo ao empreendedorismo, principalmente em comunidades de baixa renda e promovendo ações culturais e sociais volta-

das para crianças e jovens de periferia. A entidade ainda atua (através da Associação Fábrica Cultural) no combate ao trabalho infantil e à exploração sexual, entre outras violações de direitos.

Dez anos depois, Margareth abriu dentro da Fábrica Social o Mercado Iaô, que trabalha com a economia criativa baseada em todas as formas de cultura, como música, teatro, artesanato e gastronomia.

Em 2020, ela se tornou embaixadora no Brasil da Organização Internacional de Folclore e Artes Populares da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (IOV/Unesco); em 2022, foi escolhida como uma das *100 Most Influential People of African Descent* (Pessoas mais Influentes de Ascendência Africana, escolhidas em apoio à Década Internacional dos Afrodescendentes 2015-2024, proclamada pela ONU) por seu trabalho à frente da Fábrica Cultural.

Ministério dos sonhos renovados

Anielle Franco fala sobre o que quer nos cem primeiros dias de ministério, a continuidade do trabalho de Marielle e da futura posse simbólica na Maré

SAMARA OLIVEIRA E LUCAS FEITOZA

Cria do conjunto de favelas da Maré, **Anielle Franco**, 37 anos, é desde 11 de janeiro a ministra da Igualdade Racial. Além dela, outras dez mulheres estão à frente de ministérios — o maior número desde o mandato da ex-presidente Dilma Rousseff. No dia em que assumiu o cargo, Anielle fez um discurso emocionado, agradecendo às mulheres que a apoiaram, principalmente depois do dia 14 de março de 2018, quando sua irmã, a vereadora Marielle Franco, foi barbaramente assassinada.

Em entrevista exclusiva para o Maré de Notícias (MN), a ministra falou sobre desafios, representatividade, planejamento com outros ministérios e o legado de Marielle Franco.

MN: O que representa para você, mulher, mãe, preta, de origem favelada, estar à frente de um ministério do governo Lula?

Anielle: Toda vez que eu olho para uma mãe, uma menina, uma jovem negra, sempre penso no quanto essa pessoa sonha em chegar a lugares que sempre nos foram histori-

FATIMA MEIRA



Anielle Franco em seu primeiro discurso como ministra da Igualdade Racial



Em sua fala, a agora ministra Anielle, apelou para que todos os brasileiros se unam na luta contra o racismo

“Quando uma de nós vence, todas nós vencemos, sabe?”

camente negados. Então representa muita coisa — inclusive eu querer muito voltar à Maré assim que puder e fazer lá uma posse simbólica para dizer: “Nós existimos aqui no nosso lugar de raiz, onde nós nascemos, crescemos, nos cuidamos e nos criamos. A gente pode ser o que a gente quiser.” Acho que é um pouco isso que representa pra mim. Quando a gente chega a lugares que jamais sonharíamos ocupar (ou que foram ocupados pouquíssimas vezes), isso significa que também a favela pode estar ali.

MN: Você já havia almejado ocupar cargos como esse com a criação do Instituto Marielle Franco?

Anielle: Eu nunca pensei em estar em um cargo público, muito menos em ser ministra de Estado. Mas entendo que é o reconhecimento do meu trabalho, de tudo que tem sido feito de 2018 pra cá. Não que antes não trabalhasse com isso; eu atuava nos bastidores. Tinha a minha líder, uma pessoa que falava por mim. Desde muito nova aprendi a lutar e galgar espaço maiores, sempre. Eu era aquele tipo de menina que escrevia o que eu queria ser no ano seguinte, que botava no diário os meus objetivos para aquele ano. Sempre sonhei muito alto e almejei estar em lugares onde pudesse ajudar não só a minha família, como outras pessoas, fazer com que outros também subissem comigo.

MN: Como cidadã, como você enxerga a atual composição do governo Lula e quais as consequências das escolhas do presidente para o país?

Anielle: A composição dos ministérios do governo Lula foi um avanço, uma melhoria muito importante. Onze mulheres à frente de pastas importantes é um marco, mas também sabemos que é preciso batalhar por ainda mais mulheres em posições de poder. Quem sabe um dia teremos 50% das pastas chefiadas por mulheres? Temos como presidentes da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil duas mulheres, e isso é muito marcante, muito impactante. Estamos num caminho para alcançar essa paridade, mesmo que não seja agora, de imediato. Mas vamos conseguir.

MN: Qual o maior desafio da ministra de igualdade racial num país que ainda nega sua estrutura racista?

Anielle: Existem muitos desafios, inclusive fazer as pessoas nos escutarem e acolherem, elaborarem políticas públicas conosco. É preciso que nos tratem como um ministério empenhado em uma pauta que é de extrema importância para o país inteiro.

MN: Quais serão as primeiras ações do ministério?

Anielle: Estamos ainda planejando as estratégias para os primeiros cem dias de trabalho, mas adianto que, entre as principais ações, estão o enfrentamento

do genocídio da população preta; o fortalecimento de leis que permitam e garantam cada vez mais o acesso das pessoas ao ensino superior; e o fortalecimento de leis como as de números 639 e 645, que tornaram obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nas escolas. Vamos debater a saúde da população negra de uma maneira eficaz e concreta. Os dados que temos são muito alarmantes. É preciso garantir que essas pessoas tenham sua dignidade de volta, e isso inclui comida no prato, emprego, condições de moradia. Estas ações são prioritárias.

MN: Existem planos de atuação conjunta com o ministério dos Direitos Humanos, ou secretarias como a das mulheres, juventude ou população LGBTQIA+?

Anielle: Já estamos conversando tanto com o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania quanto com o da Justiça.

MN: O que a população de favelas e periferias pode esperar da sua pasta?

Anielle: Teremos um assessor especial para periferias e favelas para estabelecer esse diálogo que é muito importante. É inadmissível que uma pessoa que venha da favela não tenha um canal de contato. É questão de honra para mim estar conectada com as favelas do Brasil inteiro; isso é uma das minhas prioridades também.

MN: Como o legado da luta de Marielle influencia no seu trabalho como ministra?

Anielle: O legado da Mari está aqui, no ministério, e vai embasar a resposta para esses quatro anos tenebrosos que nós vivemos. É uma mulher preta favelada que também chega aqui. Precisamos pensar a favela como esse lugar cultural, digno, de felicidade, esse lugar que tem inúmeros astros que estão ali só esperando uma oportunidade para brilhar. Podemos avançar nisso. Eu sou fruto da oportunidade do esporte que, junto com a educação, salvou minha vida. Por isso, também farei coisas com a ministra do Esporte, Ana Moser. Quero pensar um plano em conjunto para estabelecermos ações concretas para o povo favelado.

Os informais

Dos quase 100 milhões de ocupados no país, 39,4% são trabalhadores sem registro

JORGE MELO E MATHEUS AFFONSO

Dos quase cem milhões de ocupados no Brasil (ou seja, aqueles que têm algum tipo de trabalho), 39,4% são informais (no estado do Rio de Janeiro, a taxa é um pouco maior: 36,5%), segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em 2022. Isso representa mais de 38 milhões de pessoas, ou quatro a cada dez brasileiros. Esses números refletem uma realidade do continente: um levantamento da Organização Internacional do Trabalho (OIT) feito em 2021 revelou que, na região da América Latina e do Caribe, metade da população trabalha na informalidade.

Segundo o IBGE, o trabalhador informal é, basicamente, aquele que não tem registro na carteira de trabalho (empregados do setor privado e domésticos) ou como empreendedor e autônomo (ou seja, sem Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica, o CNPJ). Há ainda um contingente que o instituto chama de “trabalhadores familiares auxiliares” — aqueles que ajudam, de graça, um familiar que trabalha: o filho que ajuda o irmão pedreiro sem receber diária ou a filha que atende no balcão da loja dos pais sem salário.

Sem proteção

Segundo a economista **Janaína Feijó**, pesquisadora do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), um mercado de trabalho onde a informalidade predomina pode gerar muitas distorções na economia, gerando um impacto fiscal negativo. Sem registro, não há o pagamento dos impostos devidos (seja por pessoa física ou jurídica) e isso reduz a arrecadação do Estado e, conseqüentemente, os investimentos em serviços públicos de qualidade.

Janaína alerta que a informalidade se traduz em ocupações mal remuneradas e menos produtivas, o que acaba afetando o bem-estar dos trabalhadores e, por tabela, a produtividade da economia.

“Além disso, postos informais são desprovidos de proteção, ou seja, não há cobertura do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Dessa forma, a infor-



Alexandre Linhares trabalha há oito anos como vendedor e diz que gosta da liberdade de tempo e lidar com o público

malidade pode ampliar as desigualdades sociais existentes: aqueles que mais precisam de proteção social, dado suas condições socioeconômicas, são justamente os que estão mais desprotegidos”, aponta a pesquisadora da FGV.

A informalidade, na maioria dos casos, tem relação direta com as taxas de desemprego. Os dados do IBGE revelam que o Rio de Janeiro, por exemplo, enfrenta um dos piores índices do país e a pior situação entre os estados das regiões Sudeste e Sul do Brasil, com 14,9% da população desempregada.

Liberdade

Alexandre Linhares tem 41 anos, é casado, pai de quatro filhos e é morador da Nova Maré. Há oito anos vende numa carrocinha biscoitos, doces, balas e bebidas, geralmente no Pontilhão e no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, na Ilha do Fundão. Antes da carrocinha, trabalhou cinco anos como camelô; já teve a carteira assinada, mas a empresa onde trabalhava faliu.

Dininho, como é mais conhecido, consegue sustentar a família e até ter sua própria casa com o trabalho de vendedor. Mas ele queria mesmo é regularizar sua

situação: “Eu não tenho noção de quanto é para legalizar, mas sei que é difícil.”

Segundo ele, a formalização está nos seus planos (“Quero andar certo”), mas não é prioridade, já que nunca teve problemas com a fiscalização (ao contrário de muitos ambulantes como ele). “A melhor coisa é a liberdade e lidar com o público”, diz, revelando estar satisfeito com o trabalho e a informalidade.

Burocracia

De acordo com Janaína Feijó, Dininho tem certa razão sobre a dificuldade em deixar de ser um trabalhador informal na atividade dele: “A elevada carga tributária e a burocracia para abrir negócios leva muitos indivíduos a não conseguirem formalizar suas empresas, principalmente quando se trata de pequenos empreendedores.”

A pesquisadora acredita que a dinâmica futura do mercado de trabalho vai depender do desempenho da economia no novo governo. Segundo ela, “o combate à informalidade passa por melhorar o ambiente de negócios e gerar crescimento econômico. O baixo desempenho da nossa economia ao longo de mais de três décadas influencia a dinâmica da informalidade. Com baixo crescimento econômico, não é possível gerar empregos de qualidade.”

Verão na laje

É verão e, na favela, as lajes cumprem um papel fundamental. O fotógrafo mareense AF Rodrigues há anos documenta este espaço e explica que “a laje representa mais que uma possibilidade de um novo cômodo, é o espaço que garante ao trabalhador o direito ao lazer.”





Gato de Bonsucesso canta para Oxum

A azul e branco da Maré destaca o poder e a beleza feminina no carnaval 2023

HÉLIO EUCLIDES

Fé move a Maré do meu destino é o samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Gato de Bonsucesso para 2023. A agremiação quer mostrar a força feminina na construção do território, com muitas lutas e conquistas. A escola canta a mulher mareense e a compara a Oxum, orixá que nas religiões de matriz africana é associada às águas doces, à beleza, à prosperidade e à riqueza, e ao empreendedorismo e ao ouro.

Marcos Salles, carnavalesco da escola, conta que seria impossível fazer o carnaval sem as mulheres: “Mostramos a fé que move a Maré e o nosso destino. Nada mais forte do que homenagear as mulheres, desde a Dona Orosina, uma das primeiras moradoras. O diferencial é mostrar a força feminina, lembrando que elas são as geradoras de tudo.”

Vânia Silva, diretora de Ações Sociais Comunitária e Cultural do Gato de Bonsucesso, lembra a dificuldade do carnaval passado e diz estar empolgada para 2023: “O Gato estava com a ‘bandeira enrolada’, mas com garra conseguimos levar a escola para a avenida em 2022 em um retorno grandioso. Estamos vivendo um momento de ressurreição. É emocionante ver as pessoas se interessando pelas alas.”

Ela conta ainda que o desfile do ano passado estava sendo muito esperado pela favela, mas a escola entrou na avenida pela manhã, quando todos estavam adormecidos nas calçadas da Intendente Magalhães. “Quando ocorreu a chamada para a formação das alas, parecia um gigante adormecido que se levantava para ver o desfile e mostrar alegria. Foi lindo e de arrepiar presenciar

aquele momento”, lembra.

A diretora diz que o enredo homenageia as mulheres da Maré num momento que, para ela, é crítico social e politicamente, com as mulheres ainda sofrendo muita violência, como assédio e feminicídio. “O diferencial do nosso carnaval é a força do próprio Gato, e as mulheres são muito importantes nisso. É um carnaval de muita luta e resistência, com um enredo que quer deixar claro a força de pessoas que estão à frente da comunidade”, conta Vânia.

A escola vem mostrar que as mulheres podem ser o que desejarem, atuar em qualquer área, ter a liberdade de se expressar, de ir e vir. “A Maré está em alta com representação feminina em várias frentes”, aponta. Vânia lembra que a agremiação tem raízes profundas; são gerações a desfilar desde sua fundação. “O componente tem uma história com o Gato, seja quando era bloco, ou quando ainda era Unidos da Nova Holanda. É importante manter essa cultura viva e fazê-la crescer”, conclui.

O Gato de Bonsucesso desfila este ano com 600 componentes distribuídos em 16 alas e pela bateria, além de mestre-sala, porta-bandeira e musas. A escola faz parte da Série Bronze da Superliga (o antigo Grupo D) e será a décima escola a desfilar em 20 de fevereiro na nova passarela do samba: a Avenida Ernani Cardoso, em Cascadura. Durante este mês os ensaios serão todas as sextas, a partir das 18h, na quadra da escola.

O samba-enredo na ponta da língua

Se o componente que não canta o samba a escola perde ponto. Por isso, acompanhe



Durante este mês os ensaios serão todas as sextas, a partir das 18h, na quadra da escola a letra do samba do Gato de Bonsucesso.

Fé move a Maré do meu destino

Compositores: Aldair Careca, Cosme Araújo, Thiago Martins, Cláudio Vagareza, Luciano Flauzino, Serginho de Miranda, Gilberto Pituba, Robinho Bacalha, Valter Braga, Ali Jabr e Maurício Naval.

Orayeye o...
Que seu dourado abençoe o
caminhar.

A luz do abebê, é fé que
move a maré

Mostrando a força da mu-
lher...

As mãos que curam, e fazem
a vida

Senhora nossa guia o povo
Que viveu em palafitas
Axé que alimenta a esperan-
ça

Num mundo melhor, de paz
e bonança

Lágrima e suor de uma gen-
te

Que só pensa em ser feliz
A fibra vem delas, que er-
guem um país...

Lata d'água na cabeça, lá vai
maria

Sua vida é lutar por supera-
ção

Essência e luz que irradia
Matando um leão por dia

Amor...
Tem poemas e flores
Pra enfrentar dissabores
Pelo palmo de chão
Rainhas de raça e bravura
Pelas ruas pedem paz
Clamando opinião
É ela... A luz da minha me-
lodia

Inspiração da poesia
Iluminando o caminhar
Abrindo os portais... Refle-
tindo a felicidade

Que habita em seu ser
Vai, Bonsucesso... Delirar a
bel-prazer

Meu samba é de manifesta-
ção
Faz ecoar a voz do coração.
De azul e branco dizendo no
pé
No meu Gato ela é o que
quiser

Ainda há vagas para compor as alas da escola! Quem deseja desfilar pode entrar em contato com Vânia ou Aline, pelos números (WhatsApp) 99776-7533 ou 96571-5635.

A história do carnaval na Maré

Jorge Pereira, de 64 anos, morador da Baixa do Sapateiro, nasceu na favela e lembra que os vizinhos organizavam pequenos bailes de carnaval dentro das próprias casas. “A comunidade era muito animada. Na década de 1970, existia o bloco Unidos da Dezesete, com direito ao carnavalesco Jorge Elefante. Era montado um palanque na Rua Dezesete de Fevereiro, com disputa de samba. Depois vieram os blocos Diamante Negro e o Corações Unidos de Bonsucesso”, rememora.

A história conta que os primeiros blocos carnavalescos do Parque União foram o Filhos do Parque e o Alegria do Parque. Da divisão deste último nasceu, há cerca de 40 anos, o bloco Boca da Ilha. Ele chegou a desfilar na Avenida Rio Branco e na Estrada Intendente Magalhães, mas não evoluiu para se tornar uma escola de samba.

Quem assumiu o posto de Grêmio Recreativo Escola de Samba foi a Siri de Ramos, fundada em 1979 como bloco Boca de Siri. A escola da comunidade Roquete Pinto carrega as cores da agremiação madrinha, a Imperatriz Leopoldinense. O Boca de Siri venceu em 2011 o quinto carnaval do Grupo 1 dos blocos de enredo, com *Doce infância*, e tornou-se o primeiro do Rio de Janeiro a ser elevada, sem avaliação, à categoria de escola de samba. Em 2018, a escola assumiu o nome de Siri de Ramos.

MATHEUS AFFONSO



“No meu Gato, ela é o que quiser”, diz a letra do samba de 2023 da escola Gato de Bonsucesso

AGENDA DO CARNAVAL 2023

A Siri de Ramos traz em 2023 a reedição do samba-enredo campeão de 2012: *Personalidade mulher*. Os ensaios técnicos serão na orla do Piscinão nos dias 4 e 11 de fevereiro, às 18h. Já o desfile oficial acontece no dia 26 de fevereiro, na Avenida Ernani Cardoso, em Cascadura.

O bloco Boca da Ilha, depois

de cinco anos de recesso, volta a desfilar nos dias 18 e 26 de fevereiro, com concentração na Rua da Conquista, esquina com Rua Brasília, no Parque União.

Tendo entre suas fundadoras Marielle Franco, o bloco Se Benze Que Dá completa 18 anos e faz seu ensaio geral no dia 9 de fevereiro, no Pontilhão, embaixo da Linha Amarela. Os desfiles ocorrem nos dias 11 de

fevereiro, do Conjunto Esperança para o Pontilhão, e 25 de fevereiro, da Nova Holanda para o Morro do Timbau.

O bloco Relaxa Que Dói Menos Sambar vai promover um arrastão pelas ruas da Vila dos Pinheiros; já o bloco Magia do Samba promete empolgar foliões pelas ruas da Baixa do Sapateiro. As datas da folia ainda vão ser divulgadas pelas duas agremiações.

Programação Cultural de Fevereiro

ANDREZZA PAULO

Galpão Bela Maré

Rua Bittencourt Sampaio, 169 (entre as passarelas 9 e 10 da Avenida Brasil). Os eventos são gratuitos.

09/02 - Mostra Cinebela - Migrações periféricas

As vivências de pessoas que passaram por movimentos migratórios em diversas periferias do mundo.

Filmes: A cidade é uma só?, de Adirley Queirós, e Novo Rio, de Lorran Dias.
Horário: 18h
Classificação: livre
Praça do Parque União

16/02 - Leitura Contação: A cama que não lava o pé

A autora do livro, Fátima Miguez, associa ditos populares ao pé e, assim, revisita grandes artistas plásticos brasileiros, através das belas imagens da

ilustradora Graça Lima.
Horário: 15h
Classificação: livre
Galpão Bela Maré

25/02 - Bela Verão Som: Com Rafael Capetiti e Alucas do Trópico Sul

A programação do Bela Verão Som traz para este sábado o som do DJ e alquimista musical Rafael Capetini, celebrado como um mago na mistura de house, breakbeat e funk. O dia se completa com o Alucas do Trópico Sul, artista multimídia que usa a música para tratar questões como identidade, marginalização e resistência queer.

Horário: 13h
Galpão Bela Maré
Classificação: livre

Lona Cultural Herbert Viana

R. Evanildo Alves, s/n

Oficina Maré longboard

Sempre às terças-feiras
Horário: 15h30
Classificação: 10 a 16 anos
Espaço Cultural Pontilhão

Incentivo à Leitura

Sempre às terças-feiras
Horário: 15h30
Classificação: 4 a 8 anos
Praça da Paz

Oficina Panderolando

Sempre às quartas-feiras
Horário: 15h30
Classificação: 12 a 16 anos
Quadra do CIEP Elis Regina na divisa da Nova Holanda com Baixa do Sapateiro

Oficina Maré de Capoeira

Sempre às quintas-feiras
Horário: 15h30
Classificação: 6 a 10 anos
Quadra do CIEP Elis Regina

Oficina de Percussão com Gato de Bonsucesso

Sempre às quintas e sextas-feiras
Horário: 18h30
Classificação: maiores de 16 anos
Quadra do Gato de Bonsucesso (Rua São Jorge, s/ nº, Nova Holanda).

Cineclube

Data: 24/02
Horário: 10h - Cineclube da Lona
Espaço Normal (Rua 17 de Fevereiro, nº 237, Parque Maré)

Vai Na Fé

Artista mareense é parte do elenco da nova novela das 19h da Globo

LUCAS FEITOZA

Anderson Oli tem 28 anos e atua há oito anos. Ele vive a versão jovem do personagem Vitinho na novela *Vai na fé*, nova trama das 19h na TV Globo. Anderson aparece em flashbacks, nas lembranças da sua versão adulta, vivida pelo ator e comediante Luis Lobianco. A trama escrita por Rosane Svartman estreou em 16 de janeiro e recebeu boas críticas nas primeiras semanas de exibição, como a nota “10” na coluna da jornalista Patrícia Kogut, do jornal *O Globo*.

Cenas da novela relembram os bailes funk dos anos 2000, que revelaram nomes de peso como Tati Quebra Barraco, Valesca Popozuda e tendências que marcaram épocas como o Passinho. Na história, Vitinho (Anderson Oli / Luis Lobianco) formava um trio com Sol (Jê Soares / Sheron Menezes) e Bruna (Dhara Lopes/ Carla Cristina Cardoso), e juntos frequentavam a Furacão 2000, famosa e tradicional equipe de bailes cariocas.

Anderson contou para o

Maré de Notícias que o seu personagem é parecido com ele; ambos gostam de dançar e são atraídos pela arte. O ator fala com entusiasmo sobre ver mais uma novela com protagonismo negro e com diversidade de personagens, o que para ele mostra a cara do Brasil: “Para mim está sendo uma grande alegria ver o meu corpo naquele lugar, um corpo negro, nordestino e gordo, esses corpos sempre existiram e precisam também estar em evidência”, afirma.

O ator é natural de João Pessoa, capital paraibana, mora no Morro do Timbau e faz parte do grupo de teatro Cia Cria do Beco. Em 2022, ele interpretou o personagem Wallace na peça *Nem Todo Filho Vinga*. Foi em uma das apresentações do espetáculo que recebeu o convite para fazer o teste para a novela.

Anderson elogia a produção, que montou um baile para as gravações, e diz estar feliz em fazer parte de um trabalho que revive uma época importante para muitas pessoas: “Eu acho que quando eu



Anderson considera que pode aprender muito e deixa mensagem para os artistas da Maré: “Vai na fé mesmo!”



Anderson, 28 anos, é ator e estudante de letras e literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

assistir a novela e ver as cenas da gente dançando nos bailes funks, na Furacão 2000, vai ser muito emocionante, foi um momento muito lindo para minha vida.”

Do teatro para a telinha

Anderson é estudante de letras e literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e diz que sempre foi muito interessado na arte e na forma como ela se conecta com a literatura. Iniciou sua carreira artística em projetos sociais de teatro no Museu da Maré e seu primeiro contato com a arte foi através da técnica Teatro do Oprimido, do teatrólogo Augusto Boal.

O ator diz estar realizando um sonho: viver da arte. Ele conta ainda que este é outro ponto que o conecta com a novela: a família de Sol, personagem protagonista, é uma família negra e sonhadora. Para Anderson, o nome *Vai na Fé* tem tudo a ver com a sua história e com seu trabalho, ele explica que, para atuar é preciso acreditar no que está fazendo para que possa dar

certo, e é isso que ele faz; “Em tudo ao que me dedico também na minha vida tenho que acreditar. Se eu acredito eu posso estar lá, quando eu não acredito é mais difícil porque eu não crio possibilidades e eu preciso criar e acreditar para se tornar real”, diz.

Anderson não é o único que tem fé na força de acreditar. A fé, tema principal da novela, a fé é o principal traço positivo dos brasileiros, segundo uma pesquisa do Observatório Febraban, feita pelo Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE), sobre a percepção dos símbolos nacionais que melhor representam o Brasil e sua população.

Com a participação na novela, Anderson considera que pode aprender muito e deixa uma mensagem para os artistas da Maré: “Vai na fé mesmo! É só uma oportunidade que a gente precisa e quando ela chega, temos que dar o nosso máximo. A gente aprende fazendo, e essa tem sido uma experiência incrível.”

Uma baixa sempre em alta

A trajetória de uma favela cheia de boas histórias

HÉLIO EUCLIDES

A história da Baixa está diretamente ligada à evolução e à expansão da própria cidade do Rio de Janeiro. Além da abertura da Avenida Brasil, a Baixa do Sapateiro cresceu juntamente com o projeto de construção do novo campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), naquela que seria conhecida como ilha do Fundão, e da ponte Oswaldo Cruz, que liga a Linha Amarela à Cidade Universitária.

Alguns dos primeiros moradores eram operários que trabalharam na abertura da Avenida Brasil e ergueram seus barracos com sobras do material de construção. Atanásio Amorim, Genival Albuquerque e Teófilo Dias são alguns dos primeiros moradores, cujos nomes se sobressaem na história da Baixa do Sapateiro, quando a comunidade foi erguida.

A ocupação do território começou em 1947, na área alagadiça e de baixada do Morro do Timbau. Um pequeno grupo de palafitas foi chamado de Favelinha do Mangue de Bonsucesso. Existem algumas versões para a origem do atual nome da favela: alguns contam que tem a ver com um morador que exercia a profissão de sapateiro no início da ocupação.

Origem do nome

Outros dizem que o nome é alusão à Baixa dos Sapateiros, bairro da cidade de Salvador na Bahia, que também se formou a partir de aterramentos. Outros ainda alegam que o nome faz referência à vegetação de manguezal, conhecida popularmente como sapateiro, que era usada na produção de tamancos.

Charles Gonçalves, baiano de 62 anos, presidente da Associação de Moradores da Baixa do Sapateiro, defende a primeira versão: o nome se refere a um sapateiro que morava na Rua das Oliveiras.

GABRILINO



São várias as versões para a origem do atual nome da favela: alguns contam que tem a ver com um dos primeiros moradores da comunidade, que exercia a profissão de sapateiro

“A Baixa nasceu em torno da construção da antiga Rua Variante, atual Avenida Brasil. Além de sapateiros, a comunidade tinha muitas costureiras e também alfaiates. Com orgulho, a nossa associação de moradores foi a primeira em uma favela a ter o seu estatuto”, lembra ele.

Senhor Charles conta dos seus 50 anos de história na Maré, sempre na mesma rua. Ele viveu em palafitas, e passou pela carência do básico, como água e luz, e pelo aterramento do local.

“Eu lembro ainda do rola-rola [barril fechado com rolha e envolto em pneu usado para transportar água] e da balança, de ir desengonçado pegar água no bico. A favela cresceu, veio o progresso, o saneamento, o asfalto, mas tudo conseguido depois de muita luta. Hoje a Baixa é melhor, mas ainda falta muita coisa, os governantes estão atrasados na oferta dos serviços. Até temos

saúde e educação, mas com falhas”, reclama.

Histórias de um lugar

Lindete Barbosa tem 56 anos; ela vive na Baixa do Sapateiro desde que nasceu e, por isso, conhece muitas histórias. Na infância, morou na Praça do Dezoito, oficialmente batizada de Luís Gonzaga em homenagem ao Rei do Baião e ao grande número de mareenses com origem do Nordeste do Brasil.

Um antigo chiqueiro deu lugar à praça e o nome pelo qual ela é conhecida: 18 é o número do porco no jogo do bicho. Essa é uma das histórias narradas no livro *Lendas e Contos da Maré*: “Eu cheguei a ver um porco com cara de gente!”, conta Lindete.

Ela ainda recorda o tempo em que a favela era considerada uma área nobre: “Nós tomávamos banho na Praia da Maré! Quando a maré enchia muito, as águas vinham até o pé do morro”, conta.

Através de gerações

Outro local importante da comunidade para Lindete é o Largo IV Centenário, antiga Rua União da Baixa do Sapateiro, que teve o nome mudado quando a cidade do Rio de Janeiro completou 400 anos de fundação.

“Eu vivi no Largo e, como a maioria dos moradores da Baixa, estudei na Escola Municipal IV Centenário. Minhas filhas também foram alunas de lá; é um colégio de geração para geração. São muitos anos vivendo aqui, mas sinto saudades do passado, pois hoje a favela é muito barulhenta e os moradores sofrem com os buracos nas ruas”, diz ela.

Cada favela que forma esse bairro chamado Maré tem sua própria história e diversidade cultural. Em 2023, esta coluna pretende mostrar um pouco de cada uma delas. No nosso próximo encontro descobriremos como nasceu a favela de Marécio Dias. Até lá!

Confira os destaques no site do Maré de Notícias

(<https://mareonline.com.br>)

✓ Maré: 29 anos como bairro

Em 1994 foi criado o bairro Maré. Contudo, uma lei pode não trazer tantos avanços como se espera. São mais de 140 mil moradores, quase uma cidade. Mesmo assim, os investimentos ainda são poucos e irregulares.

Para ler acesse <https://bit.ly/40igIhn> ou escaneie o código QR ao lado.



✓ Fala Roça lança nova versão do mapa cultural da favela

Numa parceria com a prefeitura do Rio, o *Fala Roça*, jornal comunitário da Rocinha, lançou no último dia 14 de janeiro a nova versão do *Mapa Cultural da Rocinha*, que agora traz mais de 150 iniciativas culturais da favela de São Conrado, Zona Sul carioca.

Para ler acesse <http://bit.ly/3HQ8sl> ou escaneie o código QR ao lado.



Projeto forma jovens da Maré em esportes eletrônicos

Esporte, trabalho ou diversão? O e-sport pode ser as três coisas; ele chegou para ficar, e sua profissionalização é uma realidade inegável. Por isso, a Lenovo Brasil lançou o projeto *Todo Mundo Joga Junto*, capacitando futuros players de *Valorant*, *Fortnite* e *League Of Legends*.

Para ler acesse <http://bit.ly/3Hr9wHb> ou escaneie o código QR ao lado.



PALAVRAS CRUZADAS

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Londres (Geogr.)	Grande pedaço (de bolo)	Prejudicar (pop.) Tonelada (símbolo)	Doutor (bras.) Passar pelo filtro	Divisão biológica que agrupa as plantas	O CD dos micros (Inform.)
Preceder					
Unidade de Pronto Atendimento (sigla)		Evento preferido do peão			
Famosa praia de Niterói (RJ)		Curvado; dobrado		Ney Matogrosso, cantor da MPB	
					Exala (perfume)
Gesto; atitude	"A (?) e a Formiga", fábula		O "eu" de uma pessoa (Psican.)	Número de anos do século	
Vitamina de xampus			Pedra, em tupi	Quesito do desfile da escola de samba	
Discursar					
Objeto de pouco valor					
Importância ou número total	Formação de corais Tochas; archotes			Dispositivo contraceptivo interno	
Sílaba de "tarde"			Prepara para a publicação		
Funcionário de banco			Pedido do sedento Achou engraçado		Em (?) de: em favor de
Atividade de lazer em parques florestais		Mãe-d'água (Folc.) Tamanho (abrev.)		O disco de vinil Assim, em espanhol	Pedra do amolador de tesouras
Doença respiratória alérgica			Depósito de armas Onde se joga o frescobol		

BANCO 3/asi — ita — rom. 5/falei. 6/fachos — ferrar. 9/bugianga. 5

CHEGOU O APP COQUETEL!

Baixe agora!

DISPONÍVEL NO Google Play Baixe na App Store

Solução

T	O	I	A	P	V	S	V	
O	M	S	I	R	T	U	I	O
R	A	V	A	R	H	I		
L	P	C	A	R	A	C	N	B
A	V	A	R	A	I			
A	L	E	R	A	R	A	C	
N	E	L	O	V	R			
A	N	G	I	G	A	V		
E	M	E	I	E	V			
E	O	C	R	O	V			
O	V	C	A	R	A	V		
M	N	I	C	A	R	I		
O	P	A	R	O	D	E	I	
R	A	N	T	E	C	E		
R	M	F						

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

(21) 97271-9410